

Trabajo fotográfico

ark:/s25912755/mwx7qma82

Deliveroo, uma Irlanda Brasileira

Leandro Moreira de Oliveira

Universidade Federal de Viçosa – UFV, Brasil
leandro.m.oliveira999@outlook.com

Resumo: O presente ensaio é parte integrante do resultado de uma pesquisa de campo em desenvolvimento com a comunidade dos entregadores brasileiros de aplicativo de comida, os autodenominados “*Deliveroos*” em Dublin, capital da Irlanda. Buscou-se construir um horizonte imagético competente para apresentar um vislumbre do cotidiano da prática do espaço exercida por esses sujeitos, na qual se apropriam e são apropriados pela cidade criando a noção difundida no grupo de “*uma Irlanda Brasileira*”.

Palavras chave: Irlanda; Deliveroo; Espaço; Paisagem Urbana

Deliveroo, a Brazilian Ireland

Abstract: The present essay is an integral part of the result of a field research under development with the community of Brazilian food app deliverers, the self-styled “*Deliveroos*” in Dublin, the capital of Ireland. We sought to build a competent imaginary horizon to present a glimpse of the daily practice of space exercised by these subjects, in which they appropriate and are appropriated by the city creating the notion disseminated in the group of “*a Brazilian Ireland*”.

Key words: Ireland; Deliveroo; Space; Urban Landscape



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Los autores conservan sus derechos

O presente ensaio é parte integrante de uma pesquisa de campo que tem sido conduzida por mim com a comunidade dos entregadores de aplicativo de comida em Dublin, capital da Irlanda. Quando me mudei para essa cidade o primeiro fenômeno que me saltou aos olhos em relação aos brasileiros que aqui vivem foi a extrema adesão ao trabalho de “*rider*” que nada mais é do que um ciclista que percorre a urbe entregando a comida que é pedida por pessoas em aplicativos de celular. Com efeito, embora a uberização do mundo do trabalho (Antunes, 2018; Antunes; Filgueiras, 2020) seja um fenômeno global decorrente das metamorfoses do próprio sistema capitalista a idiosincrasia em Dublin é que nessa cidade esse é um trabalho quase exclusivamente feito por brasileiros. A ponto de quando numa entrevista com um *rider*, o mesmo se referir a esse universo laboral como “*a Irlanda Brasileira*”.

Essa é apenas uma fala exemplar entre tantas outras que poderiam ser citadas para ilustrar o sentido de pertencimento entre os migrantes que se reconhecem e se autodenominam como “*os brasileiros do Deliveroo*”¹. Ao se definirem assim, esses sujeitos apresentam os dois constituintes referenciais básicos de seu status, primeiro são brasileiros, segundo são *Deliveroo*. Essa ordem hierárquica me pareceu clara, sobretudo, nas narrativas da divisão territorial com *riders* de outras nacionalidades, os brasileiros sempre se posicionam em blocos etnicamente fechados com pontos mais ou menos fixos ao longo da cidade, não havendo o hábito de congregar com estrangeiros. De sorte, nas imagens aqui presentes, ofereço um panorama sobre a confluência entre esse sentimento primário de identificação de grupo acionado pela noção de nacionalidade e o ato de praticar o espaço (Certeau, 2008) contido na apropriação cotidiana da cidade.

Tal como argonautas modernos os *riders* navegam pela paisagem da cidade estabelecendo pontos de sociabilidade; explorando, reinventando as melhores rotas para a lida diária e construindo interditos coletivos sobre locais a serem evitados. Criam assim a sua própria versão do ambiente, fonte conceitual de suas percepções sobre si mesmos e sobre o complexo de objetos animados e inanimados que os circunda. Numa dinâmica parecida com a da ontologia do habitar dos caçadores-coletores de Tim Ingold que, no engajamento, construindo e partilhando os significados de sua experiência no mundo, produzem reconhecimento mútuo num jogo dialógico em que habitando a cidade ela também os habita numa relação em que ambos saem transformados (Ingold, 2000).

Em termos etnográficos, acredito francamente na linguagem imagética como instrumento privilegiado para expressar de forma imediata e contundente a tenacidade desses atores ante o enfretamento diário de sua invisibilidade social em condições precárias de labor, seus espaços de afeto e seu exercício territorial que criam essa “*Irlanda brasileira*”, pois que, a força metafórica e a

¹ Principal aplicativo de entrega de comida na Irlanda, embora os *riders* brasileiros também se associem a empresas como Just Eat e Uber Eats, eles sempre se autodenominam “*Deliveroos*”.

expressividade da imagem possuem imenso potencial sintetizador da noção de códigos e representações que formam o social (Peixoto, 2019). De sorte, a sequência de imagens foi pensada considerando esse complexo de dados de maneira a representar o roteiro do cotidiano narrado a mim pelos *Deliveroos* que compreende basicamente três momentos: a) espera ao celular; b) recebimento da chamada para fazer uma entrega; c) saída para fazer a entrega (muitas vezes sob condições absurdamente agrestes de frio, chuva, rajadas de vento e neve); por fim, a volta a um dos pontos territorializados por brasileiros ao longo da cidade para repetir o mesmo ciclo durante dez ou doze horas diárias.

Contudo, foi especialmente levado em consideração também os momentos de respiro, que são parte do substrato que compõe a noção de comunidade e de pertencimento étnico dos atores da pesquisa. Nesses momentos, entre uma corrida e outra eles conversam, sorriem e se apoiam mutuamente fortalecendo o sentido de solidariedade e de articulação interna do grupo, combatendo muitas vezes – segundo relatos de entrevistados – a solidão existencial que os acomete por viver em ambiente tão hostil. Grato sublinhar também que, busquei retratar esse sentimento de solidão emocional dialogando com a sensação solidão física flagrantemente agravada pelo deserto das ruas em tempos pandêmicos que, de acordo com os *riders* é mais sentida ao final do dia. Esclarecidas as intenções de narrativa, no sentido mecânico do trabalho utilizei em todas as fotos a minha velha câmera Sony A58 em par com uma lente fixa de 50mm com abertura de 1.8, o ISO foi variável de 100 a 800 com velocidade do obturador também variável dependendo das condições de iluminação e do desfoque ou não que desejei produzir, sempre tomando imagens em formato RAW. Na pós-produção que se limitou à correção de luz e cor utilizei o software Adobe Lightroom. Considero essa última medida de mor importância uma vez que, optei pela foto em preto e branco para ressaltar o ar de invisibilidade urbana dos envolvidos – aliado às técnicas de desfoque do rosto e do corpo quando olhados de frente –, bem como para intentar imprimir um caráter de atemporalidade às imagens uma vez que creio, esse é também o registro de um fragmento do movimento do desbravador que remonta à aurora da humanidade.































REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R.; Filgueiras, V. (2020). Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. *Contracampo* 39 (1), 27-43.
- Certeau, M. (2008). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge.
- Peixoto, C. E. (2019). Antropologia & Imagens: O que há de particular na Antropologia Visual Brasileira? *Cadernos de Arte e Antropologia* 8 (1), 131-146.